

## Chico Buarque de Holanda: 70 Anos

19/06/2014

Maria Clara Lucchetti Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Parece mentira que já lá se vão dez anos desde que escrevi no JB a crônica “Deus lhe pague”, em homenagem aos 60 anos do gênio da música brasileira, Chico Buarque de Holanda.

Agora, aqui estamos novamente celebrando seus 70 anos. Olho sua foto e lembro de Santo Agostinho, o bispo de Hipona e grande pensador do Cristianismo antigo, que dividia a idades do ser humano de acordo com as idades do mundo antigo, indo desde a *infantia* até a *decrepitudinis*, quando, segundo Coelho Neto, o louro ou o moreno dos cabelos cedem lugar ao branco do luar; e a mobilidade da infância, que deseja o movimento, cede lugar à inércia da velhice, que se aproxima do túmulo, lugar da imobilidade.

Ora, essa tipologia parece totalmente fora de lugar e de propósito quando se pensa e se fala em Chico Buarque. As marcas do rosto ali estão, mas longe de caracterizar decrepitude e decadência. Ao contrário, concedem encanto a mais em um rosto onde os olhos verdes continuam brilhando como dois faróis de gênio e ininterrupta criatividade. O corpo é ágil e o sorriso, quando acontece, atravessando o bloqueio da timidez, traz de volta a infância alegre e pura escondida por trás das rugas da maturidade.

Quando se faz memória da vida e obra de Chico Buarque, contabilizam-se 50 anos de carreira. Sim, 50 anos, o que significa que Chico era quase menino quando começou a cantar em público. Lembro-me ainda do encanto que espalhou à sua volta ao ser apresentado por Elis Regina no programa *O fino da bossa*, cantando “Pedro Pedreiro”. Creio que o mais extraordinário que se percebeu ali foi a capacidade de dizer coisas seríssimas sem grandiloquência nem efeitos especiais. Apenas com seu gênio e sua voz pequena e afinada.

Dali em diante houve muita coisa digna de nota: parcerias com outros grandes compositores, enfrentamento com a ditadura militar, canções com corajoso engajamento político entremeando uma lírica de beleza infinita para dizer o compromisso e as palavras de ordem. Ao mesmo tempo em que cantava a justiça, o imbatível trovador cantou como ninguém o amor e a alma feminina. Suas canções em primeira pessoa no feminino singular ou plural são hoje bastiões para mulheres que lutam por sua identidade e pelo reconhecimento do seu valor em um mundo patriarcal e machista.

No total, são 502 obras que Chico tem cadastradas, com 930 regravações. Dentre elas, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) destaca "Gente Humilde", "Anos Dourados" e "Retrato em branco e preto" como as mais regravadas. E isso confirma as duas vertentes que acima identificamos como marcantes em sua obra: o clamor pela justiça e o amor em qualquer declinação ou tom.

Sim, é justo e necessário falar em declinação quando o homenageado é alguém que domina as palavras e as faz dizer o que deseja: sempre beleza, mesmo quando crítica, ou brado, ou lamento.

Segundo sua assessoria de imprensa, Chico passará o aniversário em Paris, escrevendo seu próximo livro. Com uma trajetória plural e sempre inspirada, os 50 anos de produção de quem hoje faz 70 passam pela música, teatro, cinema, literatura. E é na literatura que o artista ancora a produção que marca os 70 anos.

Enquanto é celebrado por um sem fim de homenagens, ele deverá permanecer cerca de dois meses em Paris, trabalhando na obra que pretende entregar à editora até setembro, para ser lançada ainda este ano. Quem o conhece diz que Chico é monogâmico em série. A frase é do jornalista mineiro Humberto Werneck e não poderia ser mais apropriada. Quando escreve, só escreve. Quando compõe, só compõe. E assim mergulha na mais draconiana fidelidade, para depois transitar livremente para outro campo de trabalho. E faz isso sempre acompanhado pela

genialidade que Deus lhe deu e que ele generosamente não se cansa de entregar à sua legião de admiradores.

Na ocasião de seus 70 anos, dizemos obrigada a Chico Buarque: por seu talento, sua obstinação em cultivá-lo com carinho e persistência, seu jeito sem arrogância e carinhoso de dizer o que todos sentem, desejam, esperam e des-esperam, mas não sabem dizer tão bem. Queremos agradecer-lhe por ser humano, tão humano com seus defeitos e qualidades. Mas, sobretudo, por ser tão humano que sabe dar voz à experiência humana que é a mais fascinante de toda a criação.

Que venham os próximos 70, Chico! E as mais de 1000 composições. Nós merecemos e você também!